

MÃE

Nunca te esqueço os dedos de veludo,
Quando me carregavas no regaço...
Caí da imensidão azul do Espaço
Qual pássaro da noite, triste e mudo.

Cresci... Estás em tudo quanto faço...
No entanto abandonei o lar, o estudo,
Até que do prazer me desiludo
Arrasado de tédio e de cansaço.

Onde a estrela sublime do Universo,
Em que sintas a dor que há no meu verso?
Vem a mim, alma linda! Vence a bruma!

Quanto amor temos nós, no mundo inquieto,
Desde a ligeira estima ao grande afeto?
Mãe, porém, ante Deus, só tem uma!⁵

Antônio Barros

Reformador | Maio de 1989

⁵ Segundo consta do original, o soneto foi recebido em reunião pública da noite de 07/02/1988, no Grupo Espírita da Prece, em Uberaba, Minas Gerais.

AOS ESTUDIOSOS

Tревa e desolação. Angústia e guerra.
Eis a penosa e amarga resultante
Da civilização agonizante
Dos milênios de lágrimas da Terra!

Sempre o homem de lodo que se aferra
Ao instinto feroz e repugnante...
O bem escarnecido e o mal triunfante
Numa visão de lágrimas que aterra...

Vós que estudais a fonte do destino,
Vivei na luz do Espírito Divino
Sob os bens da razão iluminada!

Nos enganos misérrimos da Ciência
Encontrareis somente a decadência
Dos castelos fantásticos do Nada!

Augusto dos Anjos

Reformador | Agosto de 1989